

Desenhistas do patrimônio arquitetônico brasileiro: Paulo Ferreira Santos e Sylvio de Vasconcellos

Designers of the Brazilian Architectural Heritage: Paulo Ferreira Santos and Sylvio de Vasconcellos

Marcos Tognon¹

RESUMO

A pesquisa propõe analisar o estudo sobre o ensino dos engenheiros militares que promoveram aulas no Brasil, ainda no século XVIII. A contribuição busca refletir sobre tratados de arquitetura e sua aplicação no ensino como os de José Fernandes Pinto Alpoim, autor do Pórtico toscano e Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), arquiteto que esteve entre os artistas da missão francesa de Lebreton. Estamos diante dos primeiros professores a terem em sua formação práticas de expressão projetual como o relevo arquitetônico: essencial para a formação, o estudo e a atuação na expressão arquitetônica.

Palavras-Chaves: História do Ensino de Arquitetura; Tratadística; Engenheiros Militares; Tratado de Arquitetura.

ABSTRACT

The research proposes to analyze the study on the teaching of military engineers who promoted classes in Brazil, still in the 18th century. The contribution seeks to reflect on architectural treatises and their application in teaching such as those by José Fernandes Pinto Alpoim, author of the Tuscan Portico and Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), an architect who was among the artists of the French mission of Lebreton. We are facing the first teachers to have

¹ Professor da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP-SP; Doutor em Storia Della Critica D'arte pela Scuola Normale Superiore (Pisa, Itália 2002) / <https://orcid.org/0000-0001-7962-0031> / tognon@unicamp.br

in their training practices of design expression such as architectural relief: essential for training, studying and acting in architectural expression.

Keywords: History of Architecture Teaching; Treatises; Military Engineers; Treaty of Architecture

INTRODUÇÃO

Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850) não foi o nosso primeiro professor oficial de Arquitetura a lecionar e formar os profissionais da construção, certamente esse papel pioneiro coube aos vários engenheiros militares que promoveram aulas no Brasil ainda no século XVIII², como José Fernandes Pinto Alpoim, autor do Pórtico toscano que apresentamos no início dessa tese. Mas Grandjean de Montigny, o arquiteto entre os artistas da missão francesa de Lebreton, foi certamente o nosso primeiro professor a ter na sua formação, na sua prática e na sua expressão projetual a cultura do “relevo arquitetônico” como essencial para a formação, o estudo e a atuação.

Grandjean de Montigny foi “Prix de Rome” 1799, na Academia Francesa de Belas Artes, e durante os anos privilegiados da bolsa que recebeu para viver na Itália, fez um extenso trabalho de relevamento arquitetônico de palácios e vilas toscanas dos séculos XVI e XVII, publicando boa parte dos resultados em 1815, um ano antes de embarcar para o Brasil³.

² Ver SMITH, R. C. *Arquitetura Jesuítica no Brasil* [1962]. **Cadernos de Pesquisa do LAP – Revista de Estudos sobre Urbanismo, Arquitetura e Preservação**. n. 25, p. 36-43, mai-jun 1998; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Desenho e desígnio**. O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822). São Paulo: Fapesp; Edusp, 2011.

³ MONTIGNY, Grandjean, **Architecture toscane ou Palais, Maisons. et autres edifices de la Toscane, mesures et dessines**, Paris: P. Didot L’Aine, 1815.

O relevo arquitetônico ainda hoje no Brasil não faz nenhum sentido aos jovens e maduros arquitetos, pois tratou-se de uma verdadeira “área do conhecimento” que foi extirpada dos currículos brasileiros progressivamente, até a reforma fatídica curricular de Lúcio Costa em 1931 na Escola Nacional de Belas Artes ⁴. Mesmo com o retorno dos chamados professores conservadores após Lúcio Costa, essa verdadeira modalidade de estudo do patrimônio desapareceu por completo, e, após a Segunda Guerra, com os novos cursos superiores brasileiros, e a extrema ênfase no ensino do projeto para obras novas, como o currículo da FAU-USP de Vilanova Artigas (1915-1985), o desenho do patrimônio seria apenas uma prática restrita aqueles que se ocupavam, diretamente, da gestão ou do restauro ⁵.

O relevo arquitetônico é modalidade de representação da arquitetura existente na qual se procura, com métodos precisos de mensuração e avaliação de campo, restituir graficamente, e em escala, no mínimo as três principais características de um artefato construído: 1) todas as suas dimensões; 2) a sua fiel geometria com todas as anomalias formais; 3) os seus aspectos materiais e construtivos. Trata-se portanto de um instrumento fundamental não somente para as iniciativas de restauro, consolidação ou mesmo conservação preventiva de um edifício histórico,

⁴ CORDEIRO, Caio Nogueira Hosannah. A reforma Lúcio Costa e o ensino da Arquitetura e do Urbanismo da EMBA a FNA (1931-1946). IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”. *Anais*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012, p. 945-962; PINHEIRO, Maria L. B. Lúcio Costa e a Escola Nacional de Belas Artes. In *Anais*. 6º Seminário Docomomo-Brasil, Niterói, 2005, 20 p.; sobre o período da Academia de Belas Artes e a formação dos arquitetos temos, infelizmente, poucos estudos aprofundados: MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. O Ensino Artístico: subsídio para a sua História. In CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL, 3, 1942, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 193-196; UZEDA, Helena Cunha. O ensino de arquitetura na Academia de Belas Artes: 1826-1889. In PEREIRA, Sonia Gomes. **185 anos de Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – EBA-UFRJ, 2002, p. 41-67; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo, **Reflexos das Luzes na terra do sol**. São Paulo: Pro-editores, 2000; SOUSA, Alberto. **O Ensino de Arquitetura no Brasil Imperial**. João Pessoa: UFPB, 2001.

⁵ Sobre o ensino dos arquitetos e a formação profissional para o patrimônio edificado ver FARAH, Ana Paula. Restauro Arquitetônico. A formação do arquiteto no Brasil para a preservação do patrimônio edificado. *História*, v.27, n.2, 2008, p.31-47

o relevo arquitetônico é, também, uma das ferramentas significativas para pautar a postura de historiadores da Arte e da Arquitetura na compreensão profunda, material e mesmo imaterial – referimo-nos às práticas e culturas vernaculares – do patrimônio construído.

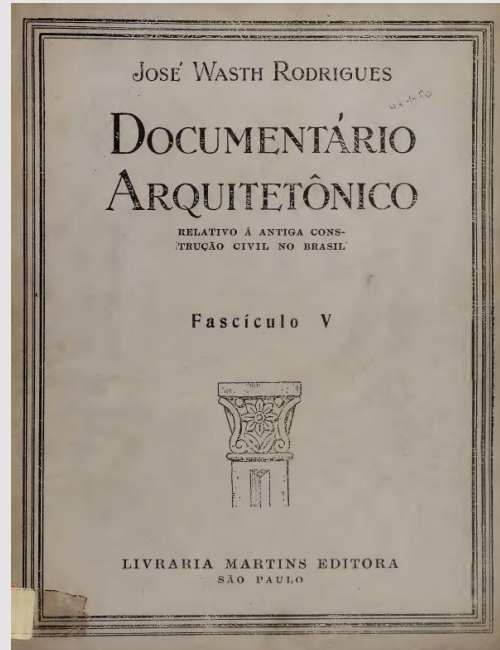
A MISSÃO DO DESENHO MODERNISTA

Para entendermos a produção gráfica de Paulo Ferreira Santos e Sylvio de Vasconcellos, nas múltiplas modalidades de representação da edificação histórica brasileira, precisamos percorrer um conjunto de referências conjunturais mas não menos “corporativas”, justamente do domínio dos arquitetos engajados na causa que denominamos o “desenho modernista do patrimônio arquitetônico brasileiro”, cultuado desde primeira metade do século XX e que encontraram, em nossos dois homenageados, os mais profícuos promotores.

A principal referência de um arcabouço expressivo gráfico modernista para a arquitetura tradicional foi consolidada logo já na década de 1910, quando por meio da “campanha” pelo neocolonial, capitaneada por Ricardo Severo⁶, impulsionou

⁶ Ver MELLO, Joana. **Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007, p. 65-66.

os trabalhos de levantamento de José Wash Rodrigues ⁷, Felisberto Ranzini⁸ e Alfredo Norfini ⁹.



1. Capas de “Estylo colonial brasileiro”, de F. Ranzini (1927) e de José Wash Rodrigues, ‘Documentário Arquitetônico’, fasc. 5 (1951).

As publicações desse conjunto de trabalhos gráficos dos desenhistas do repertório colonial não tiveram uma disseminação muito coerente com o próprio período de sucesso do neocolonial na Arquitetura Brasileira ¹⁰, e, exceto Ranzini que consegue difundir sua produção em 1927, na crista da campanha, as publicações de Wash Rodrigues e de Norfini só se disseminam após a segunda Guerra mundial,

⁷ WASH RODRIGUES, José. **Documentário Arquitetônico**. São Paulo: Martins Fontes, 1944-1951, 8 v.

⁸ RANZINI, F. **Estylo Colonial Brasileiro**. São Paulo: Amadeu de Barros Saraiva, 1927

⁹ BARROSO, Gustavo. Documentário Iconográfico de Cidades e Monumentos do Brasil. In **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, volume 7, 1953.

¹⁰ AMARAL, Aracy (org.). **Arquitetura neocolonial**. América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial da América Latina; Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

justamente no período de atuação dos nossos arquitetos carioca e mineiro aqui celebrados¹¹.

Embora o uso de aquarelas seja significativo, especialmente por parte dos mais capacitados como Wasth Rodrigues e Norfini, o que predomina, e certamente interessa aos arquitetos neocoloniais em busca de repertório da “Arte Tradicional”¹², são os desenhos de traço nítido, preto e branco, descritivos, reveladores de proporção, dos seus sistemas ornamentais, do seu emprego em relação à estrutura e planos e alvenaria ou, instalados como componentes funcionais em portas, aberturas, balcões, uma verdadeira dissecação gráfica do

¹¹ WASTH RODRIGUES, José, op. cit., volume 1, 1944, Introdução: “A coleção de desenhos, cuja publicação ora iniciamos é resultante de apontamentos feitos, uns do natural, outros de fotografias, e reunidos em muitos anos de estudo e de viagens sucessivas pelo Brasil. Trabalhos para uma publicação semelhante foram colecionados a seguir às primeiras viagens que fizemos a Iguape e a Minas gerais em 1918 [...] Circunstâncias, porém, alheias à nossa vontade, impediram que tal publicação se realizasse. Fosse feita há alguns anos atrás a sua divulgação, teria a presente coleção, com certeza, servido para corrigir num melhor sentido o neo-colonial fornecendo sugestões e detalhes autênticos, no que seria útil, ou então, o mais provável, teria contribuído para agravar o seu aspecto já viciado, salvo em raras exceções, pelo predomínio de uma fantasia de mau gosto e pelos excertos do ‘Mexicano’ e do ‘Missões’; pois, uma obra nacional, para ser inteiramente útil a essa finalidade, deveria ter aparecido há mais de vinte anos, no momento do surto sentimental pela casa brasileira antiga, momento em que outros países americanos iniciaram suas publicações regionalistas sob o mesmo influxo.

¹² SEVERO, Ricardo, 1916: “Arquitetura tradicional, não quer dizer, portanto, reprodução literal de coisas tradicionais, de fósseis arqueológicos, de casas de taipa ou pau-a-pique, de igrejinhas de adobe, de velhas ruelas entre tugúrios de 3 braças craveiras, com porta e gelosia, ou de sorumbáticos sobrados dos centros urbanos d’antanho, sem higiene e sem aparência estética. Arte tradicional é a estilização das formas artísticas anteriores que integram em determinado tempo o meio local, o caráter moral dum povo, o cunho da sua civilização; é o produto duma evolução rítmica de ciclos sucessivos de arte e estilos; é uma expressão coletiva, estranha à vontade individual, do pleno domínio do sentimento, determinada em povos de tradição definida, nos quais o sentimento estético é estável como o sentimento da nacionalidade pátria. Dentro do determinismo da sua criação e desenvolvimento, a arquitetura tradicional será uma realidade no Brasil-república, se for íntegro o organismo nacional, como um cristal diamantino, cujas múltiplas facetas de irisados reflexos são as infinitas modalidades da sua brilhante civilização. Tomem os mais diversos estilos ou modelos para a arquitetura no Brasil, se assim o quiser a fantasia dos seus artistas; mas se, em vez de copiar, procurarem imitá-los apenas, adaptando-os ao meio físico e social, ao caráter tradicional do povo, terão praticado, de qualquer forma, *Arte Tradicional*. Um movimento de concentração nacional se vai manifestando no povo brasileiro, guiado por um de seus maiores poetas, herói de uma nova cruzada, contra a decomposição da nação brasileira, pela cristalização da pátria no meio tradicional da nacionalidade.

edificado que se apresentava pelos cânones do desenho técnico – planta, corte, elevação, perspectiva¹³.

Uma genealogia dessa expressão modernista do desenho do Patrimônio edificado, especialmente de Wash Rodrigues, atenta às composições de fachadas, às plantas, a detalhes ornamentais e construtivos da “arquitetura menor”, é uma tarefa complexa que exigiria, desde o início, um aprofundamento biográfico de nossos desenhistas pioneiros do neocolonial; mas não podemos omitir pelos menos dois contextos que eram relevantes para quem se interessava pelos estudos de Arquitetura no Brasil.

Primeiro, de Portugal, com o trabalho de Albrecht Haupt no final do século XIX sobre o patrimônio português “do tempo de D. Manuel, o Venturoso, até o fim do domínio espanhol”¹⁴, e as publicações do arquiteto Raul Lino a partir de 1918 sobre a “nossa casa portuguesa”¹⁵.

¹³ WASTH RODRIGUES, José, op. cit., volume 1, 1944, Introdução: “Não se espere encontrar aqui esplendores de ornatos, requintados detalhes barrocos, nem a graça elegante do rococó. [...] Veremos, sim, elementos primários e fundamentais de nossas casas rústicas, e dos construtivos de nossas residências sólidas ou pesadas, de 1600, ou das casas mais leves, já do século XVIII. [...] Como elementos construtivos ou decorativos, são característicos o beiral sobre cornija de perfil regional, os cachorros recortados e o algeroz; os cunhais de pedra, de alvenaria ou de madeira; as janelas retangulares guarnecidas de pedra, no norte do Brasil, sobretudo em casas seiscentistas da Bahia. Ombreiras de madeira, com verga arqueada e rematada de moldura são comuns, em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas. Na Bahia, nos fins do século XVIII, criou-se um estilo peculiar para a ornamentação das janelas. [...] Por toda a extensão do Brasil, os elementos arquitetônicos distribuem com relativa igualdade; é de notar, contudo, certo regionalismo inevitável e, mesmo, certas peculiaridades locais, consequências naturais das condições do material de construção, da prosperidade, situação favorável ou de outras razões.”

¹⁴ HAUPT, Albrecht. **Die Baukunst der Renaissance in Portugal** - von den Emmanuel's dis glucklichen bis zu dem schlusse spanischen herrschaft. Frankfurt: Henrich Keller, 1890; sobre essa importante publicação ver a BELCHIOR, L. S. **Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o «desenho de viagem» o registo dos monumentos nacionais**: compreensão arquitectónica e fruição estética. 2010. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Letra, Universidade de Lisboa, Lisboa.

¹⁵ LINO, Raul. **A nossa casa**. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples. Lisboa: Libanio da Silva, 1918.

E da França, evidentemente dominante no cenário ocidental com os seus vultos professando na Academia de Belas Artes, na qual desde Viollet-le-Duc¹⁶, August Choisy¹⁷ e Julien Guadet¹⁸, empregam o desenho da arquitetura aliado a uma interpretação histórica evolutiva, tipológica e taxionômica¹⁹.

Paulo Ferreira Santos e Sylvio de Vasconcellos são profissionais atuantes no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde os seus respectivos tirocínios na década de 1940, são pareceristas e pesquisadores, são promotores de obras de restauro, e, portanto, estão muito familiarizados com o ambiente cultural criado por Rodrigo Melo Franco de Andrade e Lúcio Costa na sede ministerial de Capanema²⁰. É justamente nessa conjuntura que muitas das teses francesas da École já citada se confirmam para a interpretação do Patrimônio brasileiro, teses condensadas nos textos e nas pranchas de desenhos esquemáticos difundidos nos números iniciais da Revista do SPHAN, desde 1937, a saber:

- Promover uma seleta classificação tipológica visando a nítida genealogia das formas e detalhes edificados que, mesmo com uma estrutura reconhecível ao longo do tempo, criam uma perspectiva evolucionista coerente²¹;

¹⁶ Especialmente indicamos VIOLLET-LE-DUC, E. *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe. Au XVIe. Siècle*. Paris: Bance-Morel, 1854-1868.

¹⁷ CHOISY, A. **Histoire de l'Architecture**. Paris: Gauthier-Villars, 1899, 2t.

¹⁸ GUADET, Jean. **Éléments et Theorie de l'architecture**. Paris: Aulanier, 1901-1904.

¹⁹ Cf. WALSH, P. H. Viollet-Le-Duc and Taine at the École des Beaux Arts – On the first professorship of art history in France. In MANSFIELD, E. **Art History and its Institutions**. Londres: Routledge, 2002, p. 89-91.

²⁰ Ver as teses de SANCHES, Maria L. F. **Construções de Paulo Ferreira Santos: a fundação de uma historiografia da arquitetura e do urbanismo**. 2005. Tese (Doutorado em História Social da Cultura). Departamento de História da PUC-Rio, Rio de Janeiro, e, BRASILEIRO, Vanessa B. **Sylvio de Vasconcellos: um arquiteto para além da forma**. 2008. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte; ainda VASCONCELLOS, A. C. A presença de Paulo Ferreira Santos. In **Revista do IEB**, n. 30, 1989, p. 167-187; BARCI CASTRIOTA, Leonardo. Os alvos da história da arquitetura: João Boltshauser e Sylvio de Vasconcellos. **Arquiteturarevista**, vol. 9, núm. 2, jul-dez, 2013, pp. 73-81

²¹ WASTH RODRIGUES, José. A casa de moradia no Brasil antigo. In **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 9, 1945, p. 159: “Interessante sob

- Compreender o progresso técnico como redenção positiva das etapas da arquitetura vernacular genuína para a arquitetura contemporânea²²;
- Atestar a vitalidade dos estilos fundamentais da tradição clássica europeia implantados no território brasileira rumo ao genuíno nacional²³;

muitos aspectos, sobretudo como um dos principais entre os elementos auxiliares para a melhor compreensão da nossa história, é, sem dúvida, o estudo da casa antiga no Brasil. Interessante pelas características permanentes dessa casa principalmente pela unidade do seu aspecto em todo o território, e pela imutabilidade, através do tempo, dos princípios que presidiram à sua construção, fenômeno esse comparável, pela semelhança (tendo-se em vista a extensão territorial) ao da língua e ao da religião. Sofrendo entretanto como a raça, ou melhor como o homem, um progresso lento de formação, como este, manteve a casa o seu caráter, a sua fisionomia, enquanto não perturbados pela ocorrência de elementos estranhos em certas regiões, e a partir de certas épocas – incidente natural e inevitável.”

²² COSTA, Lúcio. Documentação necessária. In **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 1, 1937, p. 34-37: “O estudo [sobre a casa brasileira tradicional] deveria demorar-se examinando ainda: os vários sistemas e processos de construção, as diferentes soluções de planta e como variam de uma região a outra, procurando-se em cada caso determinar os motivos – de programa, de ordem técnica e outros – por que se fez desta ou daquela maneira; os telhados que, de traçado tão simples no corpo principal se esparramavam depois para ir cobrindo – como asa de galinha – os alpendres, puxados e demais dependências, evitando os lanternins e nunca empregando o tipo de Mansard tão em voga na metrópole, mas conservando sempre o *galbo* inconfundível do telhado português e apresentando até, por vezes, nos telheiros enormes dos engenhos e fazendas – como se vê nas gravuras da época – uma linha mais frouxa e estirada que muito contribue [sic] para a impressão de sonolência que eles dão [...] Pretende-se, também que os antigos faziam as paredes de espessura desmedida (fig. 8), não apenas por precaução, por causa ‘das dúvidas’ – empíricas como eram as noções de então sobre a resistência e estabilidade – mas, ainda, com o intuito de tornar os interiores mais frescos. Ora, nas construções de arcabouço de madeira [de taipa de mão] e da mesma época, as paredes têm invariavelmente, a espessura dos pés-direitos (fig. 9), e nada mais, exatamente como têm agora a espessura dos montantes de concreto (fig. 10)”; cf. CARRILHO, M. J. **Lucio Costa, Patrimônio Histórico e Arquitetura Moderna**. Tese (Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

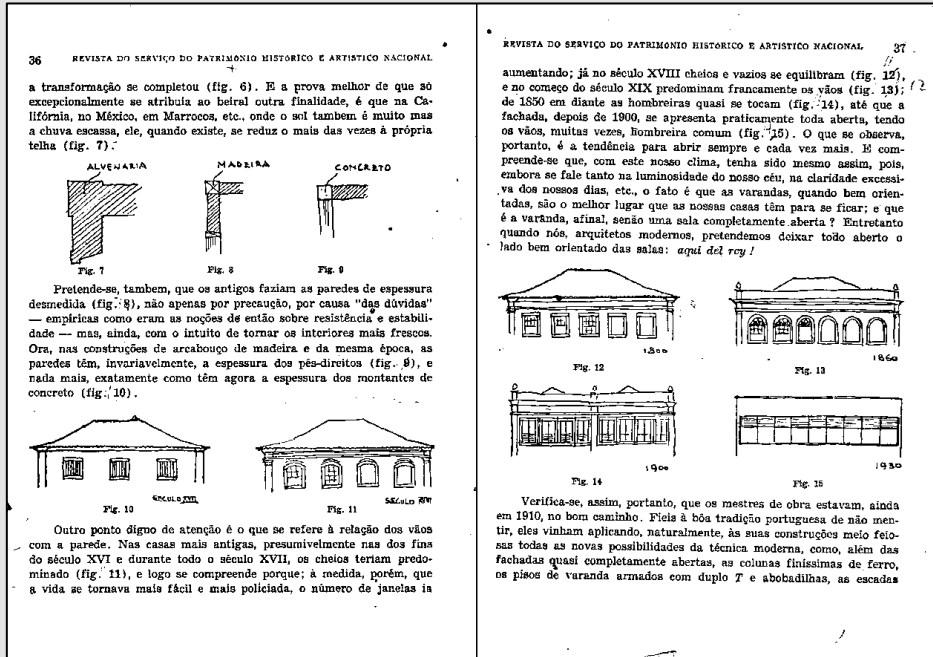
²³ COSTA, Lúcio. A arquitetura dos Jesuítas no Brasil. In **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 5, 1941, p. 11: “Com efeito, desde que os vários elementos de que se compõe cada uma das ordens gregas – as colunas, o entablamento, os frontões – perderam as suas características funcionais primitivas, isto é, deixaram de constituir a própria estrutura do edifício, passando a representar para os romanos, simplesmente elementos construtivos complementares e, para os artistas do Renascimento, apenas elementos de modenaturas, independentes das necessidades construtivas reais, nenhuma razão mais justificava o apego intransigente às fórmulas convencionais e vazias de sentido então em vigor. Se o frontão já não era mais tão somente uma empena, a coluna um apoio, a arquitrave uma vigam nas simples formas plásticas de que os arquitetos se serviam para dar expressão e caráter às construções – porque não encarar de frente a questão e tratar cada um desses elementos como formas plásticas autônomas, criando-se com elas relações espaciais diferentes e garantindo-se assim novo alento de vida ao velho receituário greco-romano ‘à bout de forces’? Não se trata, por conseguinte, de uma arte bastarda [a

- Identificar a “mestiçagem” como processo social de apropriação de longas tradições e costumes no uso e no desígnio dos espaços edificados²⁴;
- Definir os tipos característicos em uma perspectiva regionalista²⁵.

arte barroca], como pretendem alguns, mas de uma nova concepção plástica, liberta dos preconceitos anteriores e fundada em princípios lógicos e sãos. [...] A expressão ‘arte barroca’ não significa, assim, apenas um estilo. Ela abrange todo um sistema, verdadeira confederação de estilos – uma ‘commonwealth’ – barroca, poder-se-ia dizer. Estilos perfeitamente diferenciados entre si, mas que mantêm uma norma comum de conduta e relação aos preceitos e módulos renascentistas. No caso particular brasileiro, é na composição e talha dos retábulos de altar que se pode observar com nitidez essa extraordinária variedade de estilos peculiar ao barroco.”

²⁴ SAIA, Luiz. O alpendre nas capelas brasileiras. In **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 3, 1939, p. 235-236: “Venho verificando que, em arquitetura, quando um costume entra em mestiçamento, se acontece, ainda que por acaso, estar ligado a determinado detalhe de construção, este o acompanha sempre. [...] É claro que isso não acontece apenas em coisas de arquitetura religiosa, mas sim em qualquer setor da arte técnica tradicional. Na arquitetura popular brasileira (que, por ser mesmo popular, fixa mais claramente os problemas da arquitetura tradicional) tenho encontrado vários exemplos. Citarei um que me parece bastante característico, apesar de ainda insuficientemente estudado: a presença da latada na habitação sertaneja de certas zonas do nordeste brasileiro. A latada nordestina é uma peça da casa sertaneja, formada por 4 esteios e uma cobertura horizontal de galhos e folhas. Geralmente encostada na habitação, nunca participa completamente da estrutura desta (fig. 1). Com toda certeza, proveniente de uma influência diversa daquela que determinou o plano geral e a técnica de fatura da habitação do sertão do nordeste, a latada se conservou tecnicamente independente dela, separada do edifício principal. É uma solução extremamente mestiçada. Talvez seja o resultado de uma influência ispano-americana, trazido das bandas do oeste para as regiões pastoris do interior nordestino.”

²⁵ BARRETO, Paulo T. O Piauí e sua arquitetura. In **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 2, 1938, p. 198: “O povo, com sua espontânea sabedoria, sem sentir, classifica o que lhe parece mais característico e peculiar. No Maranhão ‘morada’ é denominação popular de habitação. No Piauí, com toda razão, é pela forma do telhado que o povo classifica o prédio. O telhado piauiense é o elemento construtivo-decorativo de maior curiosidade e que mais se evidencia. Pela forma, pelo jogo e pela distribuição de suas águas, pela combinação das águas com os muros, pelo amaneiramento com que é executado, espanta de tão agradável que é. O telhado, que desce de 10 a 2m., que se ajeita a todas as exigências e que torna tão acolhedora a varanda é que dá denominação aos prédios: ‘beira-e-bica’ e ‘meia-água’ ou ‘meiagua’ como pronunciam os teresinenses.”



2. L. Costa e a “evolução” das arquiteturas menores em “Documentação Necessária” (1937).

DINÂMICAS FORMAIS DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO BRASILEIRO

As principais publicações de Paulo Ferreira Santos e Sylvio de Vasconcellos, na qual encontramos os seus principais estudos gráficos e desenhos do patrimônio brasileiro abarcam exatamente um período de 30 anos, desde 1949, ano da primeira edição da tese “Arquitetura Religiosa em Ouro Preto”²⁶ até 1979, quando a coleção

²⁶ SANTOS, Paulo F. **A arquitetura religiosa em Ouro Preto**. Rio de Janeiro, s.ed., 1949; ver a edição mais difundida: SANTOS, Paulo F. **Subsídios para o estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951, 174 p.

“Brasileira” do então MEC lança “Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho”²⁷.

Certamente o tema central dos nossos dois desenhistas do patrimônio brasileiro nessas três décadas de franco engajamento gráfico, como já assinalado, é a arquitetura de Minas Gerais, e muito especialmente a Vila Rica Setecentista. Assim, Paulo Ferreira Santos inaugura essa “prática” em 1949 com um panorama até hoje inédito entre os estudos das edificações religiosas de Ouro Preto, tema de sua tese para concorrer à cátedra de Arquitetura do Brasil na Faculdade Nacional de Arquitetura carioca: em poucos meses faz um levantamento de plantas, cortes, fachadas, portadas, técnicas construtivas e detalhes funcionais e ornamentais e os publica, com grande cura, configurando um material visual até hoje insuperável pela sua qualidade:

O presente estudo não deve, por conseguinte, ser considerado a não ser como uma modesta tentativa sujeita a retificações dos mais competentes e em que são trazidos a debate, alguns pontos, talvez não de todo destituídos de interesse para a interpretação da arquitetura no Brasil e em particular da de Ouro Preto. Os próprios levantamentos, principalmente os das elevações, estarão também sujeitos a retificações. Para levantamentos precisos seria necessária uma aparelhagem especial, por ex.: andaimes mecânicos acionados a manivela. [...] Apesar, porém, de todas as deficiências desses desenhos é possível que alguns deles despertem noutras pessoas a mesma impressão que despertam no Autor: a da certeza de que os magníficos efeitos conseguidos pelos artistas do século XVIII nos templos de Ouro Preto não foram obra de improvisação ou do acaso, resultando, ao contrário,

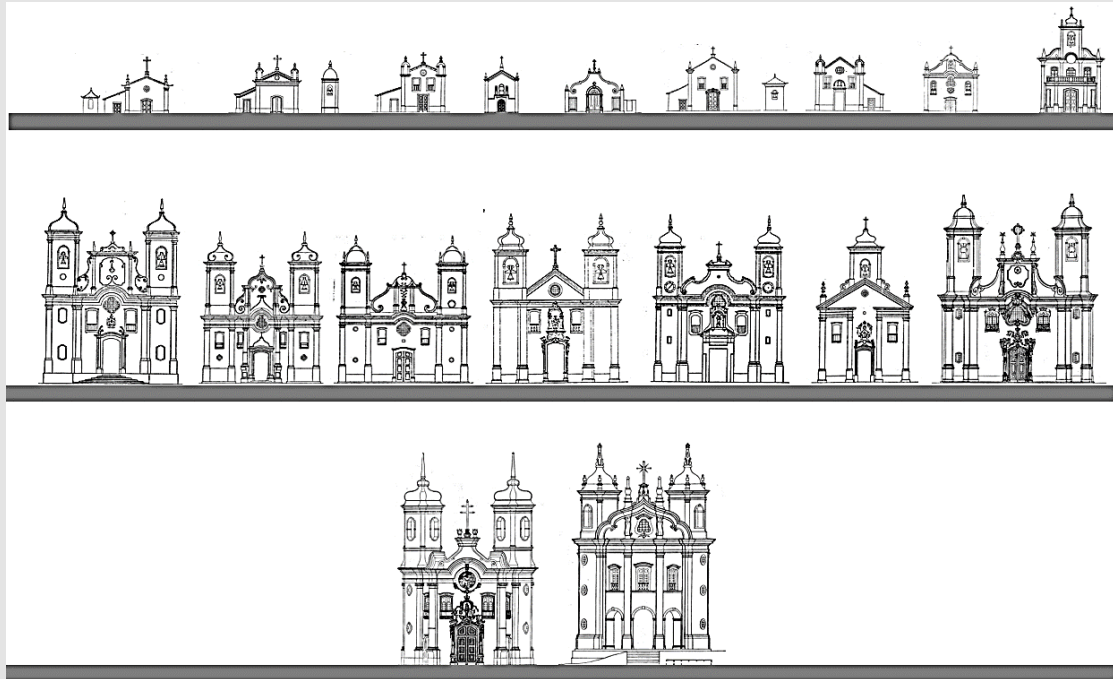
²⁷ VASCONCELLOS, Sylvio. **Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho**. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979, 156 p.; ainda deste autor, são fundamentais para a nossa pesquisa VASCONCELLOS, Sylvio. **Vila Rica – Formação e Desenvolvimento – Residências**. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1956; e, VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura no Brasil – Sistemas Construtivos**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura, 1958, muito conhecido pela sua quinta edição apostilada e organizada pela Profa. Suzy de Mello, em 1979, para o curso de especialização em restauro promovido então pelo IPHAN na capital mineira.

de projetos prévios bem elaborados e cuidadosamente proporcionados no papel.²⁸

O cuidado na publicação dos desenhos nas edições a partir de 1949 reflete um arquiteto preocupado com os cânones do correto desenho técnico para, justamente, defender a sua tese sobre a complexidade e densidade de tal Patrimônio religioso na antiga capital mineira: as plantas e, sobretudo, as fachadas são editadas na mesma escala proporcional de redução gráfica, o que permite comparações entre morfologias, composições e tramos rítmicos.

Esse panorama de fachadas ouro-pretanas que reunimos em uma única lâmina é sem dúvida a extensão de uma das principais teses de Lúcio Costa, sobre a “evolução” dos estilos e composições arquitetônicas.

²⁸ SANTOS, Paulo F. **Subsídios para o estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro Preto**, op. cit., p. 7; vale a pena publicar a epígrafe de Raul Lino nesse mesmo livro em seu prefácio, na p. 9: “O viajante que procurava as relíquias da Arte Colonial dos portugueses não pode dispensar a peregrinação à antiga Vila Rica, depois, Ouro Preto, capital que foi da Província de Minas Gerais. É ali um dos santuários da Arte Colonial, a Meca dos patriotas tradicionalistas, o lugar de mais perturbadora evocação para o viajante português”



3. As capelas e matrizes de Ouro Preto publicadas em escala por Paulo F. Santos (1951).

Paulo Ferreira Santos insistirá nessa tese nas famosas pranchas didáticas, hoje depositadas no Arquivo do Paço Imperial, e publicadas na tese de Maria Ligia Fortes Sanches²⁹; empregadas nas aulas de Arquitetura Brasileira na FNA, tais *recueils* atestam etapas progressivas, ao longo dos séculos XVI e XIX, da “forma e o espaçamento das janelas das casas”, das “rótulas, gelosias e muxarabis”, como também afirmam um outro vetor que justificava a aproximação entre a tradição e o contemporâneo, entre o paço colonial de Salvador e aquele modernista de Brasília, pelas “constantes de sensibilidade na Arquitetura do Brasil”.

Sylvio de Vasconcellos pleiteia o tema da habitação e da “arquitetura menor” de Vila Rica na sua publicação de 1956, como os “ranchos”, as “casas nos morros”, aquelas de “arrabalde”, os “sobrados”:

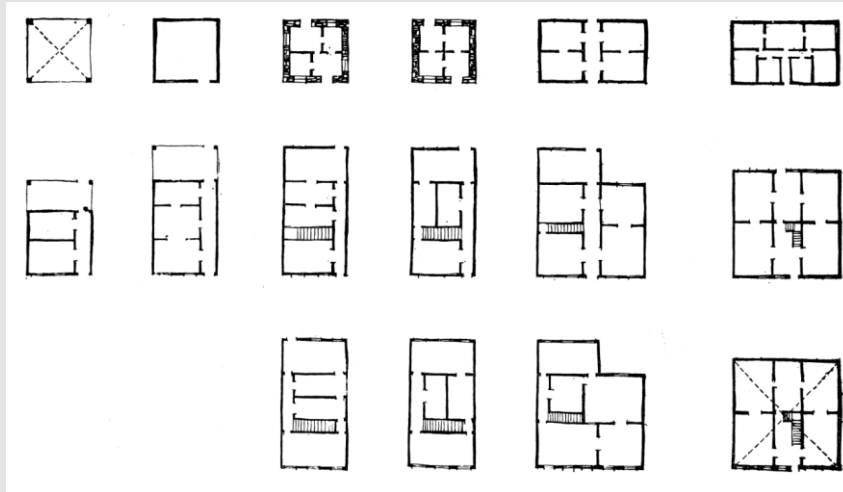
²⁹ SANCHES, Maria L.F., op. cit.

A maioria das publicações existentes no Brasil, em regra, têm-se limitado à descrição de sua história político-militar ou a detalhes regionais ou peculiares de sua arte, sendo raras as divulgações, como as empreendidas pelos nossos modernos sociólogos, que dessem notícias mais amplas do país. Especificamente sobre nossa civilização material, os estudos existentes têm preferido os monumentos isolados, principalmente religiosos ou públicos, ainda sim, como precedência de sua história ou das poucas singularidades que apresentam. Só muito recentemente, com Lúcio Costa, Paulo Barreto, Afonso Arinos de Melo Franco, Paulo Santos e poucos mais, passou o problema a ser encarado com mais largueza, abrindo veredas ao ‘descortínio eficaz’ de nossa arquitetura, considerada suas origens causas, significação e consequência. Desistindo, pois, das obras de caráter monumental, em parte já versadas, julgamos de bom alvitre pesquisar a arquitetura particular que, se por um lado se reveste de menor apuro e riqueza, por outro, por mais ligada ao homem, às suas necessidades e possibilidades, está a merecer maior atenção. [...] Procuramos, ainda, não só deixar delineada a evolução cronológica das realizações como também ordená-las segundo adequada dinâmica, das mais simples às mais complexas, para isso esquematizando partidos, sintetizando soluções e recompondo preferências, com menor atenção aos detalhes excepcionais em pormenor que, se bem várias vezes citados para os necessários confrontos, não se permitiriam maior desenvolvimento senão em trabalhos a eles expressamente dedicados.³⁰

O nosso arquiteto desenhista mineiro identifica também “evoluções” tipológicas de janelas, plantas e fachadas erguidas em Ouro Preto desde o século XVII até o XIX, ou melhor, constrói um panorama gráfico da “dinâmica das plantas e fachadas da arquitetura particular de Vila Rica”³¹

³⁰ VASCONCELLOS, Sylvio. **Vila Rica**, op. cit., p. 9-10.

³¹ Id. *Ibid.*, p. 11.



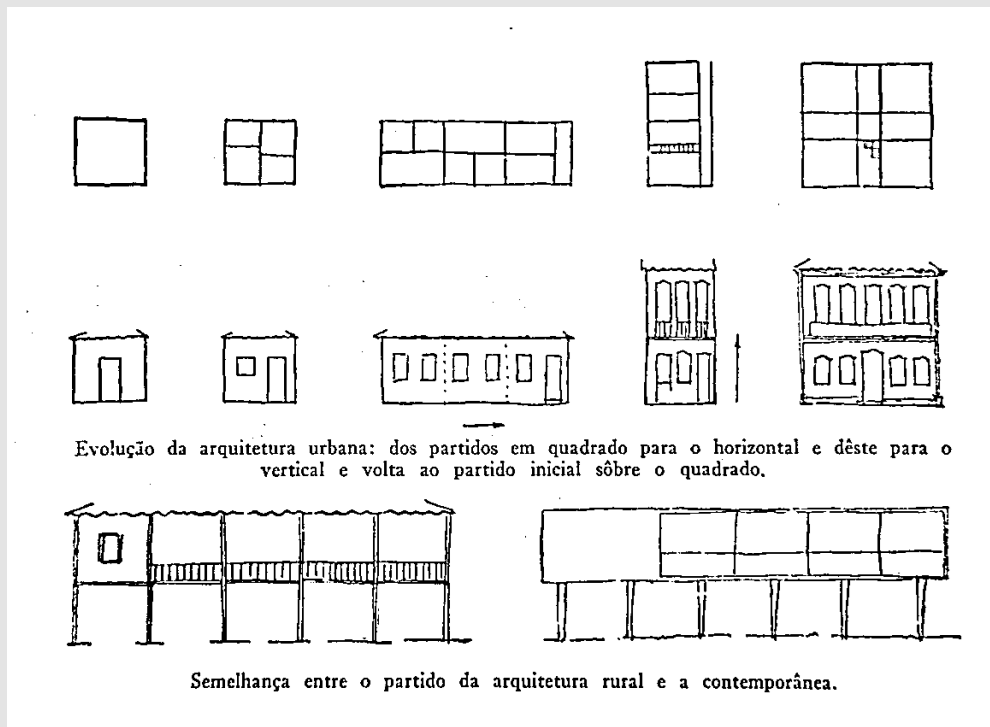
4. S. de Vasconcellos, A “dinâmica das plantas” residenciais ouro-pretanas (1956).

As fachadas monumentais religiosas mineiras também passaram por processo análogo, no qual corpo principal com frontão dessas elevações se alternam em arranjos progressivos - sempre regulados por uma amplitude geométrica quadrangular - com as torres sineiras de capelas e matrizes³².

Permanência de princípios reguladores gerais, mas com evolução de formas: Sylvio de Vasconcellos também é um dos defensores do alinhamento histórico entre o colonial e o contemporâneo, na qual o Catetinho de Oscar Niemeyer se

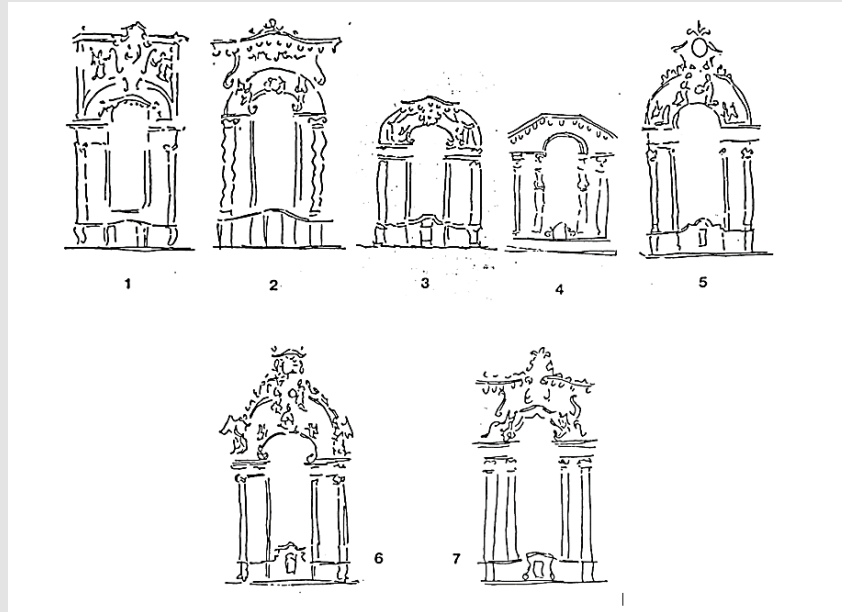
³² “Constantes variáveis da arquitetura religiosa tradicional mineira” in VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura no Brasil – Pintura mineira e outros temas**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura, 1959; cf. também VASCONCELLOS, Sylvio, **Vida e Obra de Antônio Francisco Lisboa**, op. cit., p. 49: “A eliminação das tramas estruturais aparentes nas fachadas dos templos locais e a justaposição de torres a elas correspondem a um processo de adaptação dos modelos importados às condições ambientais. O processo enfatizou-se pela ausência de congregações religiosas que, no geral, transplantavam sua arquitetura europeia para onde se transferiram, pelo isolamento relativo da área das minerações e pela capacidade do português imigrado de se ajustar, rapidamente, ao meio em que vivia. Se, por um lado, fizeram-se as construções religiosas mineiras mais pobres do que as europeias e litorânea brasileiras da mesma época barroca, por outro foi exatamente esta ‘pobreza’ que, paradoxalmente talvez, permitiu que peculiarizassem e se libertassem dos rígidos padrões alienígenas. Autonomizando os volumes integrantes das fachadas e despojando-os de tramas, de fato, os templos mineiros ganharam a liberdade de se comporem livremente, de se proporcionarem melhor e de se expressarem plasticamente através da própria morfologia e não da ornamentação superficial que não raras vezes apenas os mascaravam”.

ajusta pela arquitetura rural das fazendas, e a arquitetura urbana mantém constantes geométricas ao longo dos séculos.



5. S. de Vasconcellos, evolução e arranjos semelhantes entre a arquitetura rural e urbana, vernacular e modernista (1960).

O poder do desenho modernista de Sylvio de Vasconcellos está na sua síntese gráfica, na qual modenaturas, capitéis, cornijas, portas figurativas de sacrários, todos esses componentes são suspensos em seus detalhes para permitir uma interpretação visual de morfologias da arte retabular de Antônio Francisco Lisboa: “esquema uniforme de peças, com colunas nas extremidades”, mas variação de altura de “dosséis”, e “curiosa é a semelhança de desenhos [...] cujas datas se distanciam em cerca de 50 anos”, entre o retábulo da Matriz Nossa Senhora de Bom Sucesso e aquele central da nave da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto.

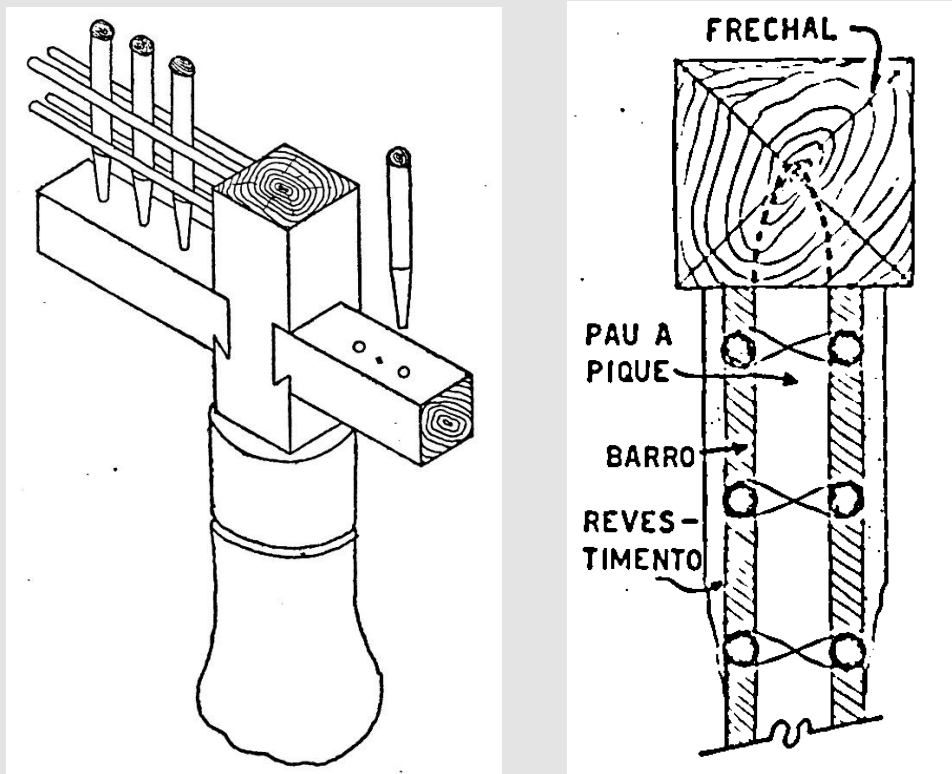


6. S. de Vasconcellos, os retábulos de Aleijadinho em ordem cronológica (1979).

DETALHES, ELEVAÇÕES, CIDADES HISTÓRICAS

Chegamos ao cerne do pioneirismo dos nossos desenhistas do patrimônio: a contribuição de Paulo Ferreira Santos e Sylvio de Vasconcellos para a compreensão das técnicas construtivas empregadas no Brasil colonial foi mais do que inédita, foi fundamental para estabelecer um ponto de partida seguro de uma cultura da preservação e do restauro dos bens edificados.

Basta atentarmos que nossos desenhistas estão publicando boa parte dos seus registros gráficos sobre taipas de mão e de pilão, sobre alvenarias de pedras, sobre arranjos de carpintaria de telhados e forros planos na década de 1950, a década de Brasília e da afirmação monumental do emprego do concreto armado.

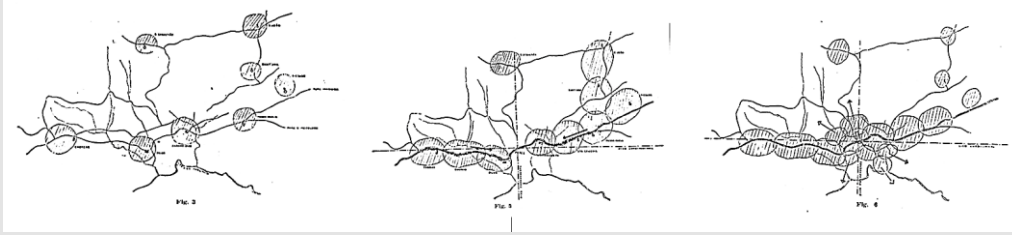


7. Desenhos de Paulo. F. Santos (1951) e S. de Vasconcellos (1958) detalhado a técnica do “pau-a-pique”.

Quando a escala abrange o desenho da cidade de Vila Rica, nossos arquitetos optam por caminhos distintos: mais atento a leituras estruturantes de Camillo Site, Paulo Ferreira Santos cria quadros comparativos na qual se evidencia uma matriz dialógica espacial entre monumentos e praças³³, e, Sylvio de Vasconcellos, opta pela representação dinâmica dos adensamentos urbanos ao longo das “4 etapas de evolução de Ouro Preto”³⁴.

³³ SANTOS, Paulo Ferreira. **A formação de cidades no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

³⁴ VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura dois estudos**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1960, p. 85-90; ver também PEREIRA COSTA, Staël de Alvarenga et alii. Conceitos de preservação e de permanência nos trabalhos simultâneos de Sylvio de Vasconcellos e M. R. G. Conzen: uma



8. S. de Vasconcellos e a formação progressiva de Vila Rica (1956).

O que fazermos com essa herança preciosa dos desenhos de Paulo Ferreira Santos e Sylvio de Vasconcellos?

Devemos divulgá-los, introduzi-los em nossas aulas, devemos reconhecer que a representação gráfica do patrimônio, seja qual for a escala e o detalhamento, ainda tem o seu lugar central na nossa profissão de arquitetos e historiadores da arte.

Recebido em: 24/01/2022 – Aceito em 23/03/2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

sincronicidade? In SIMPÓSIO CIENTÍFICO ICOMOS BRASIL, 1, 2017, Belo Horizonte. **Anais.** Belo Horizonte: Icomos-Brasil, 2017, 17 p.

AMARAL, Aracy (org.). *Arquitetura neocolonial. América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial da América Latina; Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1994.*

BARROSO, Gustavo. *Documentário Iconográfico de Cidades e Monumentos do Brasil. In Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, volume 7, 1953.*

BELCHIOR, L. S. *Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o «desenho de viagem» o registo dos monumentos nacionais: compreensão arquitectónica e fruição estética. 2010. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Letra, Universidade de Lisboa, Lisboa.*

BRASILEIRO, Vanessa B. *Sylvio de Vasconcellos: um arquiteto para além da forma. 2008. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte;*

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e desígnio. O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822). São Paulo: Fapesp; Edusp, 2011.*

CARRILHO, M. J. *Lucio Costa, Patrimônio Histórico e Arquitetura Moderna. Tese (Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.*

CHOISY, A. *Histoire de l'Architecture. Paris: Gauthier-Villars, 1899, 2t.*

CORDEIRO, Caio Nogueira Hosannah. *A reforma Lúcio Costa e o ensino da Arquitetura e do Urbanismo da EMBA a FNA (1931-1946). IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”. Anais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012, p. 945-962;*

FARAH, Ana Paula. Restauro Arquitetônico. A formação do arquiteto no Brasil para a preservação do patrimônio edificado. *História*, v.27, n.2, 2008, p.31-47

GUADET, Jean. *Éléments et Theorie de l'architecture*. Paris: Aulanier, 1901-1904.

HAUPT, Albrecht. *Die Baukunst der Renaissance in Portugal - von den Emmanuel's bis zu dem schlusse spanischen herrschaft*. Frankfurt: Henrich Keller, 1890.

LINO, Raul. *A nossa casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Libanio da Silva, 1918.

MELLO, Joana. Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira. São Paulo: An-nablume; Fapesp, 2007, p. 65-66.

MONTIGNY, Grandjean, *Architecture toscane ou Palais, Maisons. et autres edifices de la Toscane, mesures et dessines*, Paris: P. Didot L`Aine, 1815.

MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. O Ensino Artístico: subsídio para a sua História. In CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL, 3, 1942, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 193-196.

PEREIRA COSTA, Staël de Alvarenga et alii. Conceitos de preservação e de permanência nos trabalhos simultâneos de Sylvio de Vacconcellos;

PINHEIRO, Maria L. B. Lúcio Costa e a Escola Nacional de Belas Artes. In Anais. 6º Seminário Do-comomo-Brasil, Niterói, 2005, 20 p.;

RANZINI, F. *Estylo Colonial Brasileiro*. São Paulo: Amadeu de Barros Saraiva, 1927.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo, *Reflexos das Luzes na terra do sol*. São Paulo: Proeditores, 2000;

SANCHES, Maria L. F. Construções de Paulo Ferreira Santos: a fundação de uma historiografia da arquitetura e do urbanismo. 2005. Tese (Doutorado em História Social da Cultura). Departamento de História da PUC-Rio, Rio de Janeiro;

SANTOS, Paulo Ferreira. A formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

SANTOS, Paulo F. Subsídios para o estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro Preto. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951, 174 p.

SMITH, R. C. Arquitetura Jesuítica no Brasil [1962]. Cadernos de Pesquisa do LAP – Revista de Estudos sobre Urbanismo, Arquitetura e Preservação. n. 25, p. 36-43, mai-jun 1998.

SOUSA, Alberto. O Ensino de Arquitetura no Brasil Imperial. João Pessoa: UFPB, 2001.

UZEDA, Helena Cunha. O ensino de arquitetura na Academia de Belas Artes: 1826-1889. In PEREIRA, Sonia Gomes. 185 anos de Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – EBA-UFRJ, 2002, p. 41-67;

VASCONCELLOS, A. C. A presença de Paulo Ferreira Santos. In Revista do IEB, n. 30, 1989, p. 167-187;

BARCI CASTRIOTA, Leonardo. Os alvos da história da arquitetura: João Boltshauser e Sylvio de Vasconcellos. Arquitetura revista, vol. 9, núm. 2, jul-dez, 2013, pp. 73-81;

VASCONCELLOS, Sylvio. Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. São Paulo: Edi-tora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979, 156 p.;

VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura dois estudos*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1960, p. 85-90;

VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica – Formação e Desenvolvimento – Residências*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1956;

VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura no Brasil – Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura, 1958;

VIOLLET-LE-DUC, E. *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe. Au XVIe. Siècle*. Paris: Bance-Morel, 1854-1868.

WALSH, P. H. *Viollet-Le-Duc and Taine at the École des Beaux Arts – On the first professorship of art history in France*. In MANSFIELD, E. *Art History and its Institutions*. Londres: Routledge, 2002, p. 89-91.

WASTH RODRIGUES, José. *Documentário Arquitetônico*. São Paulo: Martins Fontes, 1944-1951, 8 v.